

## UNIVERSIDADE DE COIMBRA

No dia 2 do corrente mez de junho celebrou-se o doutoramento na faculdade de direito do sr. Joaquim José Maria de Oliveira Valle. Nesta solemne cerimonia tomou parte como padrinho do novo doutor o sr. ministro dos negocios estrangeiros, e assistiram alguns embaixadores, que acompanharam s. ex.<sup>a</sup> Os discursos, que d'antes se recitavam em latim, foram ouvidos na lingua portugueza.

Todas estas circumstancias, alem das sympathias geraes de que goza o sr. Valle, tornaram este acto muito concorrido e apparatuso. Orou primeiramente e por longo espaço o doutorando, a que se seguiram como oradores officiaes os srs. doutores José Augusto Sanches da Gama e Luiz Leite Pereira Jardim, concluindo em ultimo logar o sr. conselheiro Adrião Forjaz, lente de prima da faculdade, por occasião de conferir as insignias doutoraes ao candidato.

Honramos hoje as columnas d'este jornal com as orações que recitaram os srs. drs. Sanches e Jardim, que devem ser muito apreciadas não já pelo seu merecimento, como pela particularidade de serem os primeiros discursos academicos que em taes actos se proferiram na lingua nacional.

São os seguintes, que publicamos pela ordem da sua leitura.

Venerando Prelado da Universidade, excellentissimo Ministro da Coroa, doutissimos Professores, Vós todos que me ouvis, salve!

São as mais gloriosas as palmas que se ceifam nos certames litterarios; as condecorações mais eminentes as que se recebem nas academias. As variadissimas distincções sociaes podem ser umas filhas do acaso, outras obra da fortuna; e o acaso é caprichoso, a fortuna cega. Podem estas proceder da illusão, aquellas do favor; e a illusão é mentira, o favor parcialidade. Baseiam-se muitas em documentos gratiosos; assenta o maior numero em peitos que as não avaliam. Mas as que se ganham no longo estadio das sciencias, fructo de improbas fadigas, são entre todas valiosas, porque se conquistam com as armas da intelligencia, e se alcançam com os suores nobilissimos do espirito.

A nossa Universidade, que celebra com pompa a graduação mais distincta de seus filhos mais mimosos, recebe hoje em seu seio um mancebo illustre, que no verdor dos annos vem cingir a fronte com o laurel academico, que só é concedido ao talento florescente e depois sazornado pelo estudo.

É este o sr. Joaquim José Maria de Oliveira Valle.

Filho do Alemtejo, d'essa nossa excellente provincia, theatro das glorias lusitanas, veio na nossa academia robustecer o ingenho, e

preparar-se para servir a patria com a sciencia, como outros com as artes ou com a industria, como todos com o braço que a sustenta, ou com o coração que a idolatra.

É esta uma festa esplendida para nós todos! Se o juvenissimo academico neste acto solemne recebe o galardão das suas aturadas fadigas litterarias, se lhe transborda o coração de jubilo com a maxima recompensa que se confere á sua elevada capacidade, não é menor a satisfação de quantos assistimos ao seu triumpho, porque pela amenidade do seu tracto conta amigos sinceros em quantos o conhecem, captiva as sympathias de quantos o escutam.

Ao lado do benemerito candidato honra-nos com a sua visita o seu protector e desvelado amigo, o excellentissimo ministro dos negocios estrangeiros, o sr. José Maria do Casal Ribeiro. A Universidade, senhores, congratula-se com a presença d'um de seus filhos mais distinctos. Antes de sentar-se nos conselhos da coroa o illustre ministro recebeu nesta mesma sala innumerados diplomas que lhe galardoavam o merito — o merito incontestavel, que depois o elevou aos primeiros cargos da republica.

A gloria da Universidade, Senhores, é esta — é habilitar os cidaãos mais illustres para os logares mais importantes.

Embora peze á inveja e a mal entendidas rivalidades, membros d'esta illustre corporação acham-se sobraçando as pastas de ministros, presidindo á camara electiva, levantando a voz auctorizada nas duas casas do parlamento, superintendendo á direcção dos estudos, acudindo com os conselhos e com as luzes da sua sabedoria ás reformas que se intentam, e com tudo isto concorrendo poderosamente para o engrandecimento e felicidade do paiz.

O antigo estabelecimento de D. Diniz é como a cidade da sua séde — nunca envelhece. Remoça constante numa juventude perpetua; impregna-se d'aquella florescente mocidade de seus filhos, que são os filhos de todo o Portugal, que para aqui faz convergir de todos os pontos o mimo das suas povoações. Por isso esta terra é como espelho de todas as outras, centro de muitas attenções, alvo de innumeras esperanças, onde os paes concentram futuros auspiciosos, e as mães as suas longas saudades.

Estas nossas festividades academicas, alem de serem festas da intelligencia, são tambem alegrias de familia, e as recordações mais dozes da vida se enlaçam muitas vezes com os louros colhidos nestas lutas pacificas do espirito.

O sr. Joaquim José Maria de Oliveira Valle, tendo abertos diante de si — largos e espaçosos — os horizontes do futuro, aonde quer que a sorte o levar e o seu distincto merecimento o constituir, nunca olvidará este dia,

nunca o olvidarão os seus mais intimos porque é o dia notavel, em que, condecorado com as maximas honras academicas pelo digno prelado da Universidade, o ex.<sup>mo</sup> dr. José Ernesto de Carvalho e Rego, varão preclaro nas sagradas letras, honra da Igreja e distincto ornamento d'esta illustre corporação; e recebendo as insignias doutoraes das mãos do ex.<sup>mo</sup> lente de prima da nossa faculdade, o sr. dr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio — ascende ao gráu de seus mestres, honrado com a presença do seu nobre protector, e saudado cordealmente pelo immenso concurso de seus amigos. Disse.

Senhores. — Quiz a sorte que eu fosse escolhido neste dia soleimne, para vir exaltar perante os mestres da sciencia a sciencia já bem reconhecida do joven doutorando, Joaquim José Maria de Oliveira Valle. Nesta conjunctura me fallece o animo; e só posso, lembrando factos, dar cumprimento a um tal empenho. O estudante distincto, de quem vou fallar-vos, estudou comigo durante seis annos nas aulas d'esta Universidade; e muitas vezes, aprendendo da vossa bocca os preceitos que dão vida e força ás sociedades, nos encontrámos um ao lado do outro, soldados da mesma idea e comungando nas mesmas crenças. São d'este modo bem informadas as minhas palavras, e ainda bem; neste logar cercado de tradições venerandas, e ouvido pelos mestres, a minha voz é tão pouco auctorizada, que só vós peço tomeis em conta as verdades que vou dizer.

Senhores. — Não posso inculcar-vos um estudante distincto e dotado de grandes virtudes sem vos dizer a razão por que o faço. A razão acha-se vinculada a outras de maior alcance; acha-se confundida e até se deprehende dos usos, tradições e costumes d'esta Universidade: é ainda uma necessidade da epocha actual, tão cheia de acontecimentos, tão favorecida pelos grandes resultados da sciencia, e por isso tão necessitada de obreiros intelligentes e laboriosos, que tenham por unico preceito a phrase do Evangelho — o repouso depois de ter ganho o seu dia.

As Universidades, Senhores, são vastos laboratorios do pensamento; e hoje em que tanto se alongaram as epochas do principio das cousas, em que tantas conquistas são devidas ao trabalho assiduo dos pensadores, têm a primazia nos annaes scientificos as festas brilhantes da instrucção; da instrucção, que deve ser o principal e rico patrimonio d'um povo, que tem grandiosas recordações no passado e viciosas esperanças no futuro. Nem outras podiam ser as nossas ideas. O passado de que vos fallo obriga com suas tradições, sua gloria e seus grandes homens. Se vamos sentarnos no liminar da historia, e contemplamos o caminho trabalhoso, longo e difficil, que o genero humano tem percorrido, ficam-nos os olhos e o coração absortos naquellas paginas em

que a luz nos apparece no meio das sombras. Pova-se a nossa alma de immensa alegria quando assiste ao resgate de alguns direitos desconhecidos, á descoberta de alguns mundos novos, e á luta das gerações por um punhado de crenças, que são a sua fé e a sua vida, e de que os homens tanto precisam para serem justos e bons nas horas longas do soffrimento, ou nas alegrias e delirio da sua redempção.

Desde a infancia da nossa civilisação até aos dias da epocha actual grande quadro se desenrola, e com elle exemplo proveitoso e conselho salutar.

No começo deparamos com a edade-media, quadra sombria em que tudo se confunde e onde tudo se forma. Então que o espirito humano se debate, e as raças armadas se atropellam talhando na Europa diferentes nacionalidades, assistimos, no meio d'aquelle choqué de armaduras, á formação do direito pelos costumes, das linguas pelos trovadores que sahem da Provença, do commercio pelas cruzadas e pelos judeos, da industria pelas communas, e das religiões subjectivas! É sem duvida brilhante esta grande tela da historia; mas no seio d'aquella vasta génesis os homens são escravos, e por isso o senso universal, segundo a phrase de Vico, deixou alli as descobertas, e foi-se á conquista da liberdade.

Tres seculos depois se desdobram, e as tristezas do captiveiro vão-se apagando: o sonho da liberdade é então o pensamento dos homens, que demandam tempos melhores com os olhos fitos no reino da justiça absoluta. Vão firmes na grandeza da sua causa, e descem á ultima jazida com a esperanza e a verdade no coração. A verdade, Senhores, é muitas vezes perseguida; mas o seu ambito alarga-se por toda a terra, e tudo o que nella vive e pensa juneta a sua generosidade, esforço e amor para a sua suprema victoria.

Nestes tres seculos, cheios de vigorosa puberdade, ha um tumulo e um berço; o tumulo de muitos erros e prejuizos do passado que morre, o berço de muita crença e muita esperanza da liberdade que robustece. Dias memoraveis! Da liberdade religiosa, ponto de partida para todas as liberdades, o espirito humano proclama os direitos do pensamento pela bocca de Descartes; depois, forte e consciente da sua auctoridade, a intelligencia investiga as leis da materia, e Newton descobre a gravitação. O mundo physico já não tem segredos, quando a industria, continuando a sua obra, o modifica e transforma; e não contente com estas victorias, o senso universal completa os trabalhos da liberdade, dando ao mundo novas leis e novos preceitos pela bocca de Montesquiéu e de Rousseau. D'aquí ás modernas sociedades dista um passo, e sabeis como foi realisado em a noite de 4 de agosto de 1789.

Assim acabou o passado, e principiou este seculo: assistiu aos funeraes de todas auctori-

dades; só lhe ficou a auctoridade da razão e com ella marcha para o futuro.

Ninguém deve esquecer o culto de seus paes, nenhum seculo deve olvidar as tradições dos seus heroes; os d'esta epocha, senhores, são os martyres, a cujos esforços devemos a civilização: não podemos esquecer-los. Meditar a sua palavra e levantar aos hombros a arca sancta tal é a missão do seareiro que uma vez se affoitoou na larga messe do pensamento.

Já vêdes a razão por que venho inculcar-vos um estudante distincto.

Dos grandes centros universitarios se derama a luz que vai inocular seiva e vigor a todas as instituições e melhoramentos d'um povo. É alli que se conservam e ensinam as grandes descobertas das gerações do passado, e se estudam e discutem os grandes principios que dominam as gerações do presente. Para os grandes commettimentos e grandes empresas demandam-se os grandes obreiros. Como diz um nosso estadista celebre, o Evangelho precisa de ser apregoado por bons apóstolos, e nós ainda não chegámos á terra promettida; este seculo por ora não pode como Moysés no meio dos filhos de Jacob entoar o cantico soberbo dos hebreus depois da passagem do Mar Vermelho. O mar da sciencia ainda tem vastas solidões, fragas e alcantis, onde vive infesada vegetação. Como Goethe pedirei mais luz, mais trabalho incansavel, a ver se a essas vagas rumorosas chega o clarão do fanal que salva os nautas, ou a fé d'um Colombo que descobre os mundos.

Senhores. — Poderia ir mais longe, mas não o consente a brevidade do tempo; como vos disse, para continuar a grande obra da civilização são necessarios obreiros intelligentes, gostoso venho recommendar-vos o joven doutorando Joaquim José Maria de Oliveira Valle.

Educado por vós na grande sciencia do direito, e recebendo d'um tio preclaro e sacerdote exemplar conselhos salutaes de sã moral, teve nas virtudes e amor de sua mãe preciosa semente, que muito tem fertilizado as suas ideas e seu trabalho; e para que em tudo fosse favorecido só lhe faltava um padrinho illustre, e d'elle peço licença para fallar.

Senhores. — Os governos representativos têm de marchar melhorando; é uma qualidade innata da sua constituição, e ainda porque de data bem recente na Europa assentam sobre as ruinas do absolutismo, que de si não deixou luzes nem progressos, mas saudades nalguns espiritos retrogradados atreitos ao passado. Estes, muitas vezes, açaimam as iras populares, e com ellas pretendem encravar a civilização: deslumbra-los e tirar-lhes das mãos as armas com que combatem é pois uma necessidade.

Para dar fim a tal intento são necessarias reformas; — reformas na instrucção desde a superior até á elemental; na administração, con-

formando-a aos principios d'um governo livre; nas relações diplomaticas e no confeccionamento dos seus tractados; no systema das finanças, e na organização do exercito, attendendo a uma distribuição liberal e equitativa da contribuição de sangue; no estabelecimento das penitenciarias. Emfim, Senhores, os governos representativos na centralisação governamental que a philosophia do direito lhes concede têm de realizar ardua tarefa, para o cumprimento da qual mais do que nunca são necessarios o estudos, as luzes, e os recursos do estadista, e que até sem elles se não pode levar a effeito.

Já vêdes quão grande é a responsabilidade dos ministros da fazenda, e que pagina brilhante os aguarda na historia, quando recta e gloriosamente desempenharem o seu mandato.

Do illustre ministro dos negocios estrangeiros, o sr. José Maria do Casal Ribeiro, se pode dizer que tem cumprido esta grande e espinhosa missão; as suas reformas nas nossas finanças, collocando o paiz nas circumstancias de rivalisar com as nações estranhas, são sem duvida o padrão da sua gloria, e lhe concedem o foro de verdadeiro ministro constitucional. Na verdade, Senhores, os progressos e melhoramentos do ministerio de 1859 a 1860, principalmente aquelles, que de prompto deviam produzir profundas modificações na vida economica do paiz, mal podiam levar-se a effeito, se o sr. Casal Ribeiro, então ministro da fazenda, não acompanhasse aquellas medidas com grandes reformas nas nossas finanças. Acudindo com ellas ás despesas correntes, melhorando o estado do thesouro, s. ex.<sup>a</sup> d'este modo attendia ao *deficit*, e deixava pela confiança estabelecida porta aberta para recorrer ao credito no caso dos grandes melhoramentos publicos.

As leis sobre a contribuição predial e pessoal, sobre a contribuição de registro e sobre a contribuição industrial, alterando profundamente o systema das nossas contribuições, e substituindo-o por outro mais proporcional e equitativo, apesar da reacção que então soffreram, eram de tão reconhecida utilidade, que o primeiro acto do novo gabinete apresentando-se ao parlamento, foi declarar pela voz do sr. conde d'Avila — «que o nobre ministro que o precedera, o sr. Casal Ribeiro, pela coragem que tinha tido de propor ao parlamento medidas, embora severas, mas reclamadas pela situação financeira, merecia os louvores da camara e a approvação do paiz.» Accrescentava ainda o sr. Avila: — «S. ex.<sup>a</sup> o sr. Casal Ribeiro esteve hontem sentado nas cadeiras do governo; e s. ex.<sup>a</sup> virá para ellas amanhã, porque homens do merecimento do sr. Casal Ribeiro não podem estar muito tempo fóra da administração publica.»

Senhores. — No meio das lutas partidarias e

apesar das convicções politicas, é assim que a verdade se levanta e presta homenagem ao verdadeiro talento. Isto já de si bastaria para dar nome a um estadista: outros factos porem se nos offerecem para dar a conhecer a excellencia do illustre patrono do joven doutorando. O seculo passado, Senhores, quiz elevar o homem constituindo as sociedades pelo voto universal; o contracto social foi porem rejeitado pelos magistrados, pelas côrtes, e até perseguido pelos Cesares. Volvem-se os tempos e mudam as ideas; hoje são os Cesares que proclamam o voto universal para justificarem as grandes annexações. Ultimamente Mr. de Lavalette, quando a Europa estava sobresaltada pelos acontecimentos da Allemanha, quiz moderar a sua expectativa; justificando os factos, e proclamando e defendendo em nome de Napoleão III a tendencia para as grandes nacionalidades, poz em *alarme* as pequena nações, e provocou da sua parte especial e séria attenção a este grave problema da epocha actual. Tambem nós, Senhores, tivemos de levantar o collo, e de olhar para Sancta Maria da Victoria.

O illustre patrono, bem compenetrado do verdadeiro espirito publico, perscrutando as vistas dos Bismarks, logo concentra toda a sua attenção na nossa autonomia; pede e obtem a criação d'um ministerio dos negocios estrangeiros, cerca-se de homens de merecimento real, e logo os envia ás cortes estrangeiras para alli restaurarem e fazerem respeitar a nossa nacionalidade. Senhores: quem não pode ter exercitos poderosos, precisa sustentar-se pela força do direito; e este só pelas boas relações diplomaticas se faz valer.

Maiores considerações pedia o assumpto; mas ainda aqui me impede de ir mais longe a estreiteza do tempo. Findarei, lembrando que s. ex.<sup>a</sup> se orgulha em ser filho da Universidade de Coimbra; esta grande eschola liberal, que deu á patria e ao mundo Damião de Góes, Antonio Homem, José Anastacio da Cunha, José Monteiro da Rocha, o insigne Mello Freire, que as nações estranhas collocam ao lado de Montesquieu, deve hoje sentir a maior alegria ao possuir no seu gremio um seu alumno dilecto, que ainda hontem d'aqui sahio com as honras e com os meritos d'uma grande illustração. Com tal padrinho, Senhores, e em tal lugar, era bem escusado o meu discurso, e na verdade só aqui venho para cumprir um dever. Por certo o não desempenhei como devia. Mas vós, illustre prelado, que presidis aos destinos da Universidade; vós, illustre e respeitavel decano da faculdade de direito; e vós, mestres da sciencia, ao circumdar de viçosos louros a fronte do joven doutorando, desculpae no meio da festa a minha palavra pouco harmoniosa. Mal posso realisar tarefa para que não sinto forças; acolhendo-me á vossa generosidade, só me levanto do meu nada para

desejar a este gremio scientifico edades largas com alegre memoria de tão formoso dia.

## DESCOBRIMENTO DA AMERICA PELOS NORMANDOS

### II

Pelos fins do seculo xv andou um genovez offerecendo aos principes poderosos da Europa meridional um mundo riquissimo em troca de alguns navios. Sorriram esses principes, e lastimaram o que elles chamavam louca pertinacia do genovez; e só depois de grande luta é que este conseguiu o que desejava. E até á hora suprema da realisação da promessa de Colombo os espiritos ainda mais illustrados duvidaram do resultado de sua empresa.

Em verdade pouca razão havia para tal. A geographia ia tomando naquelle seculo um aspecto tão diverso d'aquelle com que se apresentava em Strabão, nos outros geographos do mundo antigo, e nos escriptores da edade-media, que sem esforço se esperariam novas maravilhas. A repugnancia que manifestavam alguns espiritos pela existencia de antipodas, existencia negada até por Sancto Agostinho,<sup>1</sup> cujas palavras eram nessa epocha de grande peso, ia demais cedendo á evidencia dos novos descobrimentos, e devia em breve ser inteiramente convencida de erro por Fernão de Magalhães.

Uma palavra de Colombo poderia ter destruido a duvida com que foram acolhidas as suas promessas. O seu amor proprio, ou alguma razão que a historia não descobriu ainda, não consentiu que essa palavra fosse pronunciada. Queria elle acaso, se levasse a cabo aquella empresa, receber todas as coroas da gloria?

Colombo estivera largos annos na Islandia,<sup>2</sup> onde, por aquelle tempo, se conservava ainda memoria das explorações feitas pelos intrepidós normandos em regiões transatlanticas, memoria que esteve perdida durante longos annos, até que as nações scandinavas, cedendo ao impulso do movimento historico moderno, estudaram as suas antiguidades nacionaes, e a acharam nas antigas chronicas e sagas.

O conhecimento do descobrimento da America pelos normandos veiu encher a maior lacuna que havia na historia d'essa raça. Sem esse conhecimento podiam as outras nações

<sup>1</sup> Civ. Dei, l. xiv.

<sup>2</sup> Para pouparmos o leitor a citações num artigo de mera curiosidade, dir-lhe-hemos uma vez por todas que os factos a que nos referimos no que toca ao descobrimento da America se acham demonstrados em varias memorias da Sociedade dos Antiquarios do Norte e nas suas publicações especiaes, taes como *Antiquitates americanæ*, etc., 4.º imp. Copenhague, 1837; *Mem. sur la découverte de l'Amérique au dixième siècle*, par Ch. Christian Rafn. Id. 1843.

da Europa perguntar-lhe qual o grande papel que ella tinha representado no drama da historia, qual era o elemento que tinha trazido á civilisação europea, exprobrar-lhe que era uma raça egoista. Os povos scandinavos calar-se-iam, e cobririam a face de vergonha.

Que foram elles na idade-media? Salteadores na terra, piratas no mar. Concorreram para o grande movimento da renascença e da reforma? Não; antes foram dos ultimos em serem abalados por esses dois grandes factos. A sua litteratura teve uma influencia benefica sobre a litteratura geral da Europa? Se exceptuarmos a influencia mais de sentimentos que de ideas, que os normandos exerceram no norte da França sobre os poemas cavalleirosos, cujo fundo lhes fora transmittido pela Provença e pela Bretanha, a poesia da Europa meridional nada lhes deve.

É força todavia confessar uma verdade, e é que a influencia normanda foi muito extensa na architectura europea da idade-media. Mas a architectura é a mais rudimentar das artes, olhada como expressão da idea. É mister para nella estudar a civilisação d'um povo um genio especial; e sem a historia e poesia é impossivel comprehendel-a perfeitamente, ou deixar de fazer meras conjecturas a seu respeito. A architectura é um resultado da civilisação, e stenographa, deixae-me assim exprimir, hieroglyphicamente os seus gráus differentes; mas tem pequena influencia civilisadora. É uma bella flor, cujo perfume nos pode um momenro arrancar a attenção das miserias da vida; não é um fructo, em cujo seio haja sementes fecundas.

Para nos despertar a idea de Deos ha um templo maior que os que o homem pode construir; é aquelle que tem por abobada o firmamento, por columnas as montanhas. A poesia não tem essa esterilidade da architectura; chama a attenção do homem para os variados phenomenos da natureza, da vida e do espirito; contem em si virtualmente todas as sciencias. Os poemas attribuidos a Homero são as primeiras encyclopedias da Europa.

Mas, se outros titulos não têm as nações scandinavas que lhes dêem direito á consideração do mundo inteiro, basta-lhes a grande gloria do descobrimento da America, um dos factos de maxima importancia da historia do mundo.

Não parece ser mais que um preparativo para esse grande acontecimento toda a vida dos normandos na primeira parte da idade-media. Até a posição geographica dos paizes que elles escolheram para estabelecerem suas habitações, parece estar dizendo que a mão do destino os fez parar alli para que realizassem essa grande empresa. Mas como é que essa gloria foi facilmente esquecida até pelo povo a quem cabia?

É que o simples descobrimento da America,

sem a colonisação, não tinha resultado algum para o mundo; e demais a sciencia geographica não existia ainda, para que alguns sabios se interessassem gratuitamente por esse descobrimento. E as chronicas nacionaes, onde se referiam as expedições transatlanticas dos normandos sem grande admiração nem suspeita de sua grande importancia, jazeram esquecidas pelas bibliothecas do Norte.

Como Christovão Colombo fez reconhecer os resultados do descobrimento da America, o seu nome vive e viverá na memoria de todos. Mas para o historiador imparcial a gloria do descobrimento caberá aos scandinavos.

Por isso que os grandes phenomenos historicos são o resultado d'uma elaboração de seculos, não se deve unicamente fixar a vista no ponto em que brotam os seus effeitos, devem buscar-se as suas raizes no passado; e, se se louva aquelle que colhe e prepara a espiga madura, glorifique-se o que lançou á terra a semente productiva.

F. A. COELHO.

## ONOFRE

### CANTO TERCEIRO

#### I

D'este copo de vinho generoso  
Deixai que eu tire o alento que desejo,  
Para que o novo canto, sonoro,  
Entoe na guitarra em doce harpejo.  
E já que estou devéras amoroso,  
Aproveito apressado um tal ensejo  
Para erguer á leitora, que me escuta,  
Um brinde, que me deixe a taça enxuta.

#### II

Tres dias cogitou, acceso em ira,  
Na traça de vingar-se o triste bardo,  
Ora convulso, qual judeu na pyra,  
Ora o quarto medindo a passo tardo.  
Assim, na taba esqualida o caipyra,  
Percusso o peito de inimigo dardo,  
Ora em colera os membros desconjuncta,  
Ora placido o golpe lava e unta.

#### III

Cançado, á quarta noite, de pensar,  
Movido por contrarios pensamentos,  
Como navio em procelloso mar  
Entre escarcéus e furibundos ventos;  
Ás horas em que as sombras o luar  
Alonga nos desertos pavimentos,  
Pelas ruas se lança escandecido,  
Soltando a espaços guttural rugido.

#### IV

Quiz o fado levar-lhe o passo errante  
Para os sitios da sua desventura,

As horas em que Amalia palpitante  
 Dava aos beijos d'Arthur a face pura.  
 Num marco, do jardim pouco distante,  
 Ondé um muro lançava a sombra escura,  
 Foi postar-se por fim, quêdo e sombrio,  
 Como a felpuda aranha em tempo frio.

## V

De repente um murmurio suspiroso  
 De beijos e de vozes abafadas  
 Fez surgir do lethargo langoroso  
 O cantor das horrificas balladas,  
 Que estendendo, espantado, o corpo ossoso  
 Na direcção das fallas arroubadas,  
 Na postura ficou do antigo esphinge,  
 Como na estampa o desenhista o finge.

## VI

Até que, vendo um homem que descia  
 Por escada pendente na muralha,  
 Assim como á carocha luzidia  
 De bico aberto se arremessa a gralha,  
 Ou como ao viajor na esconsa via  
 O bandido, que arranca da navalha,  
 Tal se arremessa, ao brando Arthur de chofre,  
 O desdenhado e furibundo Onofre.

## VII

E com voz que retumba nos recantos:  
 «Tu foste polluir (diz insoffrido)  
 «Uma familia honrada, manes sanctos,  
 «Aquella a quem votei amor ardido.  
 «Abusaste dos languidos quebrantos  
 «D'um peito casto, de paixões despido:  
 «Has de morder a terra, dom trêdor,  
 «As mãos de inesperado vingador.

## VIII

«Amanhã, altas horas, quando a lua  
 «Chegado á esphera altissima tiver,  
 «Aqui nos bateremos, nesta rua,  
 «Com as armas que mais nos aprouver.  
 «Que a minha vida pague, ou pague a tua,  
 «A honra d'essa lubrica mulher,  
 «Ficando assim num barathro sepulto  
 «O segredo da infamia e mais o insulto.»

## IX

E dizendo esta longa lenga-lenga,  
 Que lera num romance de Féval,  
 Lá parte o vingador da solarenga,  
 Erguida a frente e o passo theatral.  
 Ouvindo aquella falla bordalenga,  
 Declamada em tom cavo e sepulchral,  
 Ficou-se Arthur inerte e estupefacto,  
 Deixando ir em socego o mentecapto.

## X

Mas, temendo que o lance inesperado  
 Não sotterrasse Amalia no mirante,  
 Precipite-se lança arrebatado  
 Pela escada, que pende vacillante.  
 Tal como a branca pomba, a quem varado  
 O peito foi por caçador errante,  
 Assim no marmor frio esmorecida  
 Cahira a virgem, do terror vencida.

## XI

Mas em breve com beijos fervorosos  
 Á vida a chama Arthur. «Não temas, filha,  
 (Diz, animando-a) os impetos fogosos  
 «D'aquelle petulante bigorriilha.  
 «Não me peças com olhos piedosos  
 «Que falte ao prelio: esse pedido humilha.  
 «Combatarei na liça o pifio zote,  
 «Mas armado sómente d'um chicote.»

## XII

Ouvindo este dizer do lindo amante,  
 Sorriu-se entristecida a desgraçada,  
 Que deixava no livido semblante  
 Ver a luta no animo travada.  
 Mas, como já das partes do levante  
 Surgisse em frouxa luz a madrugada,  
 Como os amantes da tragedia ingleza,  
 O adeos disseram de fatal tristeza.

JOÃO PENHA.

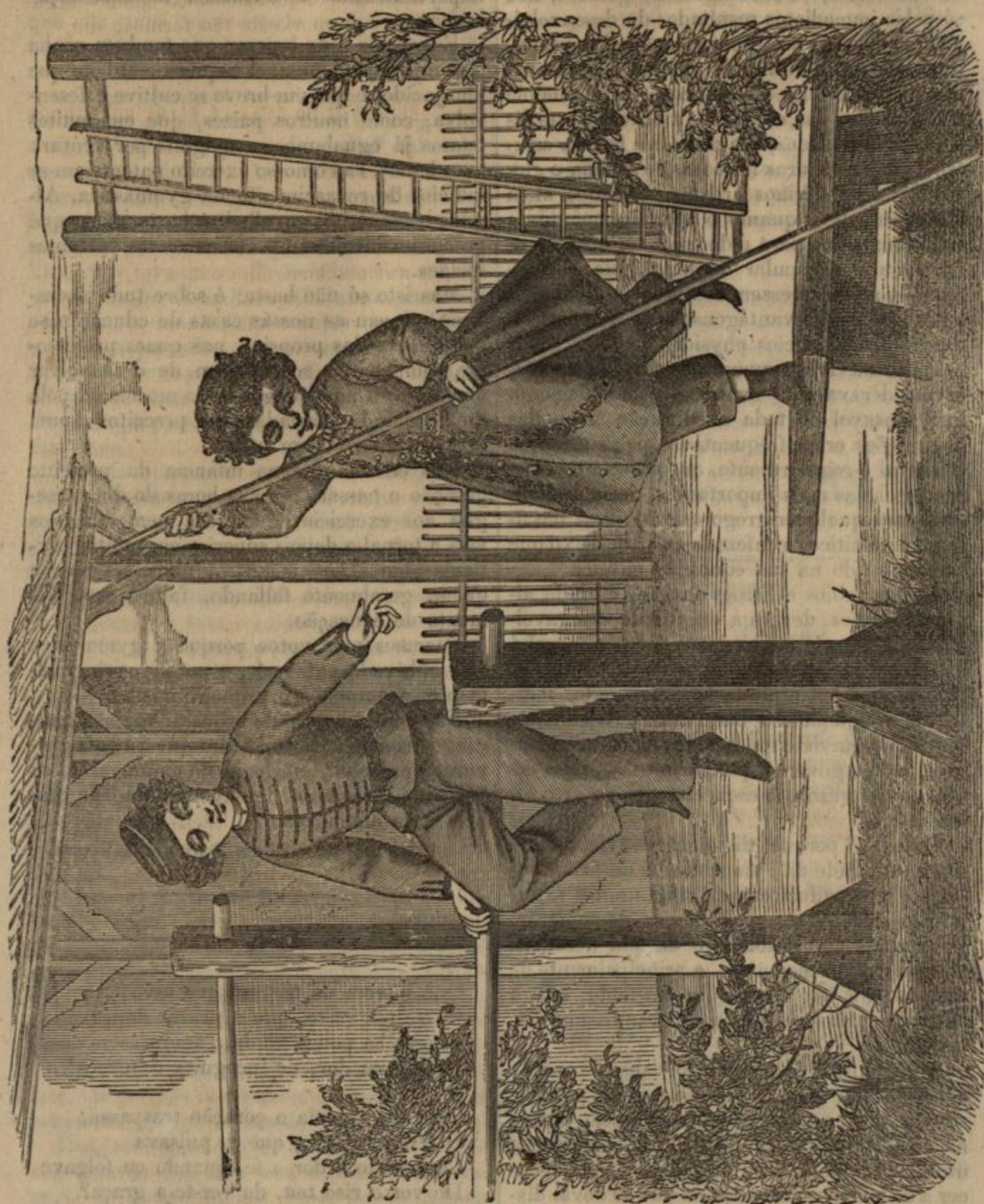
## GYMNASTICA

Na epocha do progresso em que vivemos, em que o primeiro cuidado do homem é melhorar e aperfeiçoar as condições da sua existencia, tanto moral como physica, não poderia ficar desprezada e completamente esquecida a gymnastica, esse meio poderosissimo de desenvolvimento humano.

Não se liga porem ainda, principalmente entre nós, a esta arte a importancia que merece. São estreitos os limites da sua cultura, que por todas as razões deveria fazer-se na maxima escala possivel.

Se a utilidade da gymnastica não fosse de prima intuição, não faltariam para a comprovar argumentos e factos de toda a especie e de todos os tempos.

No homem, como nos animaes seus inferiores, são os exercicios gymnasticos exigidos pela natureza. E até nos povos, que mal se podem considerar modificados pela arte, nos que vivem no estado selvagem ou primitivo, se encontra sempre o exercicio physico como precaução e adestramento para a guerra, como diversão e passatempo, e algumas vezes ainda como efficaz meio curativo, ou instinctivamente hygienico.



Na antiguidade foram maravilhosos os resultados da gymnastica. Em diversos paizes, desde mui remotos tempos, produziu (assim se pode dizer do seu influxo em a nossa constituição material) produziu individuos fortissimos e de pasmosa destreza e agilidade.

Influiu poderosamente na belleza humana, porque os exercicios somasticos não só augmentam as forças e o vigor, mas desenvolvem proporcionada e elegantemente as formas, dão graça e majestade aos movimentos, e corrigem e completam d'um modo admiravel a organização physica.

Na Grecia, principalmente, assim succedeu desde o principio da sua civilização. Chegou aquelle povo sympathico da antiguidade a prestar verdadeiro culto á gymnastica, e não era sem muito felizes e numerosos fundamentos que assim procedia. A gymnastica dava-lhe cidadãos prudentes e idoneos para os mais rudes trabalhos da vida, formava-lhe soldados heroicos, e influiu até na esthetica, elevando as bellas artes, e deixando na pintura e na estatuaria gregas os primeiros modelos e exemplares, e maravilhas inimitaveis.

Os gregos estimavam, pois, entre os seus,

os mais fortes, os mais ageis e vigorosos, não só pelos immediatos resultados do desenvolvimento physico, mas porque naquelles individuos podiam admirar os effeitos mais elevados dos exercicios methodicos — a boa indole e o prestimo dos cidadãos, a bravura e dedicação dos soldados, o agrado e a festiva existencia das creaturas formosas, e a fama e gloria dos seus divinos artistas. Sabiam, alem d'isso, os gregos quanto o aperfeiçoamento do corpo contribue para o do espirito; e não mereceriam a particular admiração da posteridade, se não houvessem comprehendido e analysado todas as vantagens sociaes e individuaes dos exercicios physicos.

Havia na Grecia gymnasios em toda a parte, e considerava-se o exercicio como elemento indispensavel de toda a educação. Aquellas instituições eram frequentadas pelas crianças tão geral e regularmente, que pareciam ser as suas escholas mais importantes. Seria deshonoroso para qualquer grego que os filhos lhe ficassem rachiticos e enfezados, por desleixo que houvesse tido na sua educação physica.

Muitos sabios e heroes gregos, e ainda alguns romanos, deveram effectiva e innegavelmente o seu vigor physico e energia moral á gymnastica. Vem aqui a proposito recordar que os grandes e ainda hoje venerados mestres da antiga philosophia, Platão e Aristoteles, consideravam defeituoso e gravemente censuravel todo o governo que permittisse, num estado, o desprezo e o esquecimento da arte somastica.

Todavia, porque dissemos convictamente que a utilidade da gymnastica é de prima intuição, não adduziremos outros muitos argumentos com que a poderiamos demonstrar. Fallaremos agora sómente da sua decadencia nos tempos modernos, e principalmente de quanto para isto contribuiu um facto, que a outros respeito se julgou de grandissima importancia.

A descoberta da polvora foi causa de que na idade-media, quando precisamente a gymnastica estava assás generalisada, pelo menos na parte militar fosse desprezada como cousa inutil. Porque a força da polvora podia vencer a do homem, entendeu-se que se devia dispensar a força muscular como vantagem guerreira; e a decadencia da gymnastica foi então repentina e completa.

Devemos confessar que um ou outro espirito mais esclarecido se mostrou sempre contrario a similhante opinião. Todavia foi só no seculo passado que começou a crescer o numero de escriptores, que advogassem as variadas e importantes vantagens da gymnastica, e pugnassem pela sua renovação entre os meios de educar a mocidade.

No seculo actual tem progredido a cultura da gymnastica nos paizes mais adiantados, que militar e civilmente a usam como um meio

importantissimo de fortalecer a constituição humana.

Entre nós é de esperar que tambem venha a sahir do condemnavel esquecimento em que tem jazido, e que em breve se cultive e desenvolva, como noutros paizes, que em muitos pontos já egualamos, e nalguns por ventura excedemos. Em o nosso exercito patenteiam-se indicios do renascimento da gymnastica. Alguns benemeritos cavalheiros ha tambem, que procuram introduzil-a em os nossos costumes sociaes.

Mas isto só não basta: é sobre tudo necessario que em as nossas casas de educação se instituam aulas proprias, nas quaes professores competentes se occupem de desenvolver e avigorar a nossa degenerada mocidade, pela applicação dos variadissimos preceitos d'uma arte tão nobre como util.

Nós cremos que na infancia da presente geração o passar algumas horas do dia entregue aos exercicios gymnicos bem dirigidos virá a tornal-a depois superior em muitas particularidades aos nossos adultos actuaes, a quem, geralmente fallando, faltou este elemento de educação.

Fazemos pois votos porque a gymnastica seja cultivada entre nós, e porque, principalmente, acompanhe o primeiro ensino.

Não será um grande proveito que as crianças realizem o curioso quadro que a nossa gravura representa, em lugar de empregarem as horas de recreio no desenvolvimento da malicia e da afinação?

M. DE P. DA ROCHA VIANNA.

#### A M. C.

Que nuvem de tristeza que esvoaça  
Nesse teu rosto, que o prazer dourava!  
Alegre ha pouco ainda... agora escrava  
De intima dor, de incognita desgraça!...

Que seta ervada o coração traspassa,  
O terno coração, que te pulsava  
Com tanto ardor e fé, quando eu folgava  
De ver o riso teu, de ver-te a graça?

Sempre triste! A tristeza empallidece  
Tua mimosa côr, meu anjo lindo;  
E teu olhar mais languido parece!

Pois vão agora os campos refflorindo,  
E a tudo alegre o sol que nos aquece,  
Só eu teus labios não verei sorrindo?!

Abril de 1867.

LUIZ CARLOS.

De todas as paixões a do estudo é a mais constante e a menos sujeita ao tédio.

Prévot.

## APONTAMENTOS DE VIAGEM

Setembro de 1863

## III

*Meu amigo.* Fui hontem a Belem; e pela primeira vez pisei aquellas praias famosas, donde sahiram mar em fóra os nossos argonautas. Pouco lhe posso dizer das minhas sensações, porque tive tantas, que quasi as inutilizou a confusão. Mas uma sobre todas me ficou indelevel, que foi a do profundo convencimento da nossa antiga superioridade marítima.

Eu me explico. O portuguez como navegante excede todos os povos do preterito, e ainda os do presente. E não é exaggerado este asserto. Nenhum antigo conseguiu tanto, nenhum dos modernos chegou tão longe. E nem uns nem outros com menos effusão de sangue, com tanto desinteresse e moralidade politica. É abrir a historia, ler e comparar.

O phenicio foi traficante e de proverbial deslealdade. Os seus lenhos aravam sómente o Mediterraneo, e quando muito chegaram á bocca do estreito. E os mesmos foram quasi os limites da navegação dos outros povos. As epopeas antigas salvaram-se pelo merito litterario; os seus heroes cahiram. O poeta tinha horizontes mais vastos que o navegante; e habil palinuro nunca no seu curso perdia de vista a tramontana.

Os limites marítimos dos antigos foram alargados pelos portuguezes de tal modo, que ainda hoje, no nosso occaso, a ligeireza dos vapores modernos não venceu nunca a meta dos nossos antigos galeões. O estandarte das Quinas talhara nos mares maior imperio do que nas terras as antigas aguias romanas.

Isto é verdade. E se por ventura parece suspeito na nossa penna, podemos abrir qualquer estrangeiro que tracte das nossas cousas, em bem ou em mal, que neste ponto nenhum nos nega justiça. Lembro-me de alguns; mas, como tenho á mão o Edgar Quinet, copiar-lhe-ei dois ou tres paragraphos d'um capitulo que tracta de Lisboa. O estylo é primoroso, valente a animação; e nenhum portuguez descreveria mais energeticamente as glorias do seu passado. Ora ouça; eil-o que entra pelo Tejo dentro, e nos falla de Belem, d'este mesmo Belem de que tambem lhe estou fallando:

«... No dia seguinte, depois de termos navegado alto mar sem ver terra em quasi toda a viagem, entravamos no Tejo, que estava agitado por uma briza fortissima do norte. As collinas, arredondando-se ao longe, assemelham-se a uma concha immensa, onde a cidade se ostenta em espiraes nacaradas até aos cumes. Eu procurava ver algum muro ennegrecido, contemporaneo de Camões. Avistei em frente um monumento antigo, cuja impressão ficará para mim unida sempre com a de

Portugal. Imaginai no Tejo uma velha cidadella, cujas torres gothicas se apoiam sobre gigantescos cavallos-marinhos de granito, nadando alguns á superficie da agua, e revolvendo-se outros nas areias. Affigurava-se-me esta fortaleza caminhando pelo rio ao encontro do mar. Das ventas de pedra, batidas pelas vagas, sahia um mugido que similhava o d'um povo amphibio. Imaginava eu a cidadella empavezada, conduzida por animaes marítimos através dos estreitos e dos oceanos de Vasco da Gama, de Magalhães e de Albuquerque; e os Lusíadas naufragados me appareciam nas cristas das ameias, que ora se abaixavam ora se elevavam com o sussurro das vagas confundido com as badaladas do sino da tarde.

«Quando os antigos navegantes, depois de terem conquistado mundos, volviam ao seu paiz, vinham desembarcar em frente ao limiar do mosteiro de Belem; era a porta, *por onde haviam de entrar neste reino os triumphos.*<sup>1</sup>

«Apresssei-me a visitar este sitio singular no mundo, e vi um monumento de tão singela e original sublimidade, que todo o pensamento do povo portuguez me pareceu identificado nelle. Ainda quando o terremoto não deixasse nenhuma outra ruina, e que todas as chronicas se perdessem, este monumento bastaria e fallaria só por si; a alma marítima de Portugal viveria em cada uma das suas pedras.

«Elrei D. Manuel erigiu um templo na margem do Tejo, onde se embarcou Vasco da Gama em demanda das terras indianas, nesta *praia de lagrimas*,<sup>2</sup> que viu tão fortes emoções de receio, de esperanza e de dor, tantas separações, abraços e despedidas, tantos regressos triumphantes. A sua architectura é gothica, mas o genio concentrou alli todos os caracteres da vida do mar: cordões de pedra, que ligam entre si os pilares gothicos; altos mastros de mezena, que sustentam as ogivas, os florões e as abobadas, em quanto que a vela da humanidade se enfuna, em pleno seculo dezeseis, com o halito do céo.

«É ainda a casa do Deos da idade-media, mas preparada como um navio ao soltar das velas. Se entrais no claustro, vereis já colhidos e pendurados nos baixos relevos os frutos e plantas dos continentes ha pouco descobertos, como os cocos e os ananazes. O espirito aventureiro dos portuguezes, a sua destemidez, profunda sciencia, e o arrojo das suas descobertas, entendem-se melhor nestas paredes do que em nenhuma chronica. Ressumbra d'ellas a impressão do momento de inexprimivel enthusiasmo, quando Christovão Colombo, Vasco da Gama e Magalhães entoam de joelhos o *Gloria in excelsis*, amainando as velas diante de terras desconhecidas...»

<sup>1</sup> Palavras de João de Barros no t. 1 da sua *Asia*.

<sup>2</sup> Idem.

Mas basta, meu amigo, que insensivelmente se me alongava a transcripção. O passeio até Belem é lindissimo, principalmente pelo rio. O Tejo não possui a graça do Mondego, ou a severa majestade do Douro; mas é grandioso e esplendido: não tem as margens viçosas do primeiro, nem as asperas penedias do segundo; mas espelha-se-lhe na corrente a graciosa cidade de marmore e de granito. O murmuro do nosso rio é languido e amoroso como os suspiros de Ignez ou de Dona Laida; o ruído do Douro, energico e selvatico, semelha o tropel d'um exercito em dias de batalha; mas o Tejo entoa no sussurro das suas aguas canções de gloria, é o rio dos nossos triumphos do mar, e que acolheu em seu seio as pareas de todo o oriente.

Ha poucos dias fui ao Lumiar com P. R., B. P. e A. d'A. A Belem tinha ido com o segundo e com A. F. S. Nesta digressão que ando fazendo tenho-me visto com os meus melhores amigos; elles me têm guiado, e muito se esforçam por me verem satisfeito.

No Lumiar ha uma quinta pertencente aos duques de Palmella, que é excellente; e alli entramos com bilhete que nos procurou A. d'A. Abra o Garrett nas *Folhas cahidas*, e leia a linda poesia intitulada *No Lumiar*. A fragrança e mimo d'aquelle mavioso trovar foram tomados d'alli, d'aquelle encantado labyrintho de bosques e devezas, onde se depara aqui com um lago, alli com um tanque, acolá com uma cascata, ou fonte, e onde ha agua, ha cysnes, ha verdura, ha fresquidão, ha tudo o que é ameno, e que nos falla docemente ao espirito como a flauta ao ouvido em noite de primavera.

Mettendo-me com os meus companheiros num caleche na estação do Arsenal, sahimos de Lisboa, e por um bellissimo passeio de perto de duas leguas demos com o Lumiar, depois de atravessarmos os dois Campos, pequeno e grande. O Lumiar é uma povoação muito pequena e só conhecida pela famosa quinta Palmella, onde por duas horas gyrámos satisfeitos, examinando tudo e admirando como um particular pode sustentar tão custosos recreios.

De vergel em vergel iam lentos passeiando naquelle socego d'alma, que se está lembrando das lutas do passado ou das vagas incertezas do porvir; alli admiravamos as sinceras bellezas d'aquelle parque, volteando por entre essas flores, á qual mais bella e de mais longe vinda a esmaltar de mil cores bosque, jardim, e as relvas tão mimosas, tão suaves ao pé. Espantava-nos tudo quanto viamos; o fructo, a flor, o aroma, o sol que os gera,

E esta vivaz, vehemente natureza,  
Toda de fogo e luz,  
Que ama incessante, que de amar não cança,  
E continua produz  
Nos fructos o prazer, na flor a esp'rança.\*

Era um grande homem o auctor d'esta poe-

sia, o unico litterato da nossa epocha que merece este nome, opinião que talvez lhe pareça exaggerada, porque estamos costumados a ouvir no near marechaes das letras individuos que nos merecem alias muito respeito, mas que só a posteridade avaliará devéras. A Garrett podemos com justiça applicar o que elle mesmo dizia: «a vida da carne é tão curta para o homem de letras!... a da gloria não lhe põem termo os homens.» D'elle digo eu com os seus proprios versos:

.... que a grandeza  
Os homens não a dão;  
Põe-na por sua mão  
Naquelles que são seus,  
Nos que escolheu — só Deos.

Assisti no dia 24 em S. Vicente de Fóra ás exequias de D. Pedro IV, e fui ao jazigo dos reis visitar o ataude de D. Pedro V. Foram dois grandes reis, e são duas memorias gloriosas. Aquelle lançou a primeira pedra no edificio da liberdade portugueza, cujos alicerces se tinham rasgado profundamente em 1820; este coroou-lhe nobremente a cupula com o seu reinado esclarecido.

D. Pedro IV, educado na America, na terra classica da liberdade, ao herdar o sceptro paterno, depôl-o no regaço de sua filha enrolado num codigo liberal. Firmou depois a dadiva com a espada, e assegurou-a com a penna; porque soldado e legislador, se abdicou duas coroas de monarcha, cingiu a militar e a civica, e com ambas a do martyrio.

D. Pedro V foi o primeiro rei filho da escola liberal, e plenamente digno d'ella. No reinado ephemero de seis annos conciliou o amor profundo do seu povo inteiro e o respeito sincero dos maiores politicos. Como rei não desamparou o povo nas crises mais dolorosas, animou singularmente a instrucção, protegeu a industria e desenvolveu as sciencias; como chefe da nação, piloto da náu do estado, manejou-lhe o leme com tal acerto, que singrou incolume por entre borrascas civis e internacionaes.

E por isso a sua morte intempestiva atordou o reino todo, quando o povo olhava attonito para o throno e o via deserto, morto o rei, distantes dois dos principes, e outro enfermo. O rei-viuvo alevantara o sceptro que cahira sobre um feretro, e susteve-o, orvalhado de lagrimas, até á chegada do novo reinante, entregue nesse instante solemne á inconstancia dos mares. Sem o presumir (disse-o eu mesmo então) o principe amanhecera rei sobre a immensidade das vagas, e o navio que o sustinha sobre o pego revoltado era a imagem d'essa soberania, com que a Providencia o ungira á custa d'uma desgraça nacional.

A igreja de S. Vicente é vasta, mas pouco de ver. A cerimonia funebre assistiram el-rei e seu irmão, o corpo diplomatico, ministros e

outros dignitários. O povo era bastante, e bem mostrava não ser a curiosidade que alli o levava. Ao cabo de vinte e nove annos a saudade ainda não esqueceu o heroe. Raras vezes o amor e a gloria se alliam d'esta maneira. O primeiro desata ainda as feridas da dor; e a segunda anima constante a voz da fama.

O Pantheon Real é no interior do claustro. Um pequeno corredor vai dar á entrada, e aqui se vê o jazigo do duque da Terceira, que pela sua fidelidade á casa real mereceu este singular privilegio.

Sobre a porta lê-se em letras de bronze dourado esta inscripção:

REAL JAZIGO

DOS MONARCHAS, PRINCIPES E MAIS PESSOAS REAES  
DA SERENISSIMA CASA DE BRAGANÇA,  
QUE, NO REINADO DE SUA Magestade  
EL-REI DOM PEDRO QUINTO,  
MANDOU ERIGIR SEU AUGUSTO PAE,  
EL-REI DOM FERNANDO SEGUNDO,  
REGENTE DO REINO.  
1855.

Num vasto quadrilongo de arcadas e pilares de cantaria está depositada quasi toda a familia brigantina desde 1640. Foi extranha a impressão que experimentei com a vista d'esta fileira de mortos reaes. Os dois ultimos Pedros estão collocados no centro em eças elevadas. O *rei soldado* e o *rei muito amado* sobresaem alli muito naturalmente no meio dos seus companheiros. O panno de veludo que cobre o ataude de D. Pedro v está coberto de muitas coroas de saudades e perpetuas, e outros tributos de funda veneração do nosso povo. Isto me fez lembrar um pouco o dicto do auctor francez: «Les hommes de génie sont des victimes couronnées de fleurs, dévoués au salut du genre humain.»

Porem muito me tenho alongado, e por isso permitta-me que pare por aqui. Se me demorar mais, mais lhe escreverei e muito breve.

Adeos. A. A. DA FONSECA PINTO.

Porque de mim tão cedo te partiste,  
Deixando-me sem ti, anjo celeste?  
Se á terra a dar-me allivio só vieste,  
Porque foi que tão rapido fugiste?

Sem ti eu me fiquei chorando triste  
Num deserto sem fim, num ermo agreste;  
E tudo o que me cerca se reveste  
Da tristeza que em mim há muito existe!

Meiga estrella d'amor, a mais brilhante  
De quantas têm no céu fulgor divino,  
Ai! volta a dar consolo ao pobre amante!

Pois desde que teu rosto peregrino  
Se me apartou da vista, eu vago errante,  
Extincta a doce luz do meu destino!

LUIZ CARLOS.

OS BASTARDOS

II

A COROA REAL PORTUGUEZA

Joanne por seu rei levanta o povo;  
E o eleito do povo é digno d'elle,  
Não curva a jugo extranho o collo altivo  
A nação indomavel quando livre.

A. GARRETT.

I

O senhor D. João I na ordem dos reis portuguezes o decimo, sendo mestre de Aviz, houve de D. Ignez Pires, que depois foi commendadeira de Sanctos o velho, filha de Pedro Esteves e de Maria Annes, a D. Affonso conde de Barcellos, nascido no castello de Veiros (Alemtejo) no anno de 1370.

D. Pedro, duque de Coimbra, na menoridade do senhor D. Affonso v creou o ducado de Bragança, e nomeou primeiro duque a D. Affonso seu irmão bastardo.

Historiadores houve, que duvidaram de que Pedro Esteves e Maria Annes fossem os paes de D. Ignez Pires, mãe de D. Affonso; porem cessa esta duvida em vista dos documentos existentes no archivo da casa de Bragança, pois que em muitas escripturas de empraçamentos elles se assignam como avós do mesmo duque.

Pedro Esteves foi chamado o barbadão de Veiros; e isto porque deixou crescer a barba, depois que o mestre houve de sua filha a D. Affonso: e nem sendo o mestre rei de Portugal *se pôde acabar com elle que o visse nem lhe beijasse a mão*; tal o odio que sempre lhe conservou.

Bem cabido foi o dicto do quarto duque D. Jayme diante do senhor D. João III — *que o barbadão de Veiros tinha sido o homem mais honrado dos da sua geração.*<sup>1</sup>

II

O grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, conde de Ourem, Barcellos e Arraiolos, casou com D. Leonor de Alvim, senhora de muitas terras e grossas rendas, que com piedade administrava sem a nota de avara ou censura de prodiga: a sua nobreza era a mais qualificada, pois descendia do muito illustre sangue de Coelhos, que ennobrece o seu braço com a divisa de — *Nos sanguine regum venimus, et nostro veniunt a sanguine reges.*

Para se ligar com tamanho heroe, como era o grande condestavel, foi acompanhada á corte por um numeroso cortejo de nobres fidalgos seus parentes, como em seu *Condestavel* diz Rodrigues Lobo:

Alli vêm os de Alvim, prosapia antiga  
Dos que ao conde Henrique acompanharam

<sup>1</sup> Sousa, Hist. Gen. t. é, liv. 3, p. 49.

Contra a seita barbarica inimiga,  
Que já de Guimarães o nome honraram.  
Os Coelhoos illustres que inda obriga  
A memoria dos peitos que mostraram;  
Os Mellos, que engrandece a clara fama,  
Todos do sangue illustre d'esta dama.

De D. Leonor de Alvim houve o condes-tavel unica filha D. Brites Pereira, a qual casou com D. Affonso, primeiro duque, aos 8 de novembro de 1401.

Este é o muito illustre e real tronco da casa de Bragança.

### III

Perdida nos arcaes da Africa a dynastia joannina com o senhor D. Sebastião, e subindo ao throno o casto Henrique, dois annos de reinado (1578-1580) foram sufficientes para escolher entre os oito que se mostraram com direito ao throno portuguez, a Filippe chamado então o Leão do Meiodia, e que se assentou nelle.

Sessenta annos lutaram os nossos avós com essa dynastia que da filha do senhor D. Manuel nasceu.<sup>2</sup> Um denso véo cubra, para não mais apparecerem, essas paginas da historia de tão amargo soffrer, em que este reino, outr'ora grande, se tornou uma colonia de escravos vendidos a Castella por degenerados portuguezes.

Appetecido era de ha muito o dia em que sobre Portugal devia raiar a nova luz da liberdade: o 1.º de dezembro de 1640 foi aquelle em que os bons portuguezes calcaram o fero Leão de Castella, e sobre elle levantaram rei portuguez.

O senhor D. João, oitavo duque de Bragança, foi o escolhido para continuador d'esta serie de reis; primeiro da dynastia brigantina, firmada pelo sangue de tantos martyres nos campos de Montijo, Linhas d'Elvas, Ameixial e Montes-Claros.

O senhor D. João, quarto do nome e na serie dos reis portuguezes décimo oitavo, filho do setimo duque de Bragança, D. Theodosio II, e de D. Anna de Velasco, nasceu em Villa-Viçosa a 19 de Março de 1604, e foi jurado pelas cortes legitimo rei portuguez aos 28 de janeiro de 1641.

Casou com D. Luiza de Gusmão, filha do duque de Medina Sidonia, D. Manuel Affonso Peres de Gusmão: era senhora de animo varonil, e que tinha como maxima — *ainda que a morte fosse consequencia da coroa, antes morrer reinando que acabar servindo.*

Esta dynastia, começada com tão bons auspicios, é hoje representada por sua majestade fidelissima, o senhor D. Luiz I, nascido aos

<sup>2</sup> D. Izabel filha do senhor D. Manuel, do segundo matrimonio, nasceu em Lisboa aos 24 de outubro de 1503, casou com Carlos V de Hespanha.

Goes, Chron. de D. Man. t. 1.º, cap. 35, p. 194.

31 de outubro de 1838, e jurado rei aos 22 de dezembro de 1861; e que casou com a senhora D. Maria Pia de Saboya, filha de Victor Manuel II, rei de Italia.

Na ordem dos reis portuguezes é o vigésimo oitavo com feliz progeñie.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE

## BIBLIOGRAPHIA

Direitos dos filhos illegitimos nas principaes nações da Europa e principalmente em Portugal, contendo todos os accordaos e sentenças que lhes são relativos e consultas feitas á Associação dos Advogados de Lisboa, por José Virgolino Carneiro, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra e alferes do exercito de Portugal.

O tracto e cultivo das letras impõem por vezes á consciencia do homem a obrigação de manifestar os seus trabalhos, que são o fructo de aturadas vigílias. Exige-o mais que tudo a utilidade publica, que ganha sempre com a publicação d'um systema ou processo novo, com o compendiar de principios, organizar de materias, aclarar de difficuldades, ou com reunir num corpo unico o que andava disperso por muitos volumes.

O sr. José Virgolino Carneiro, publicando a sua obra, prestou optimo serviço á jurisprudencia, porque poz num só livro o que com maximo trabalho se colheria de muitas e variadas partes, elucidando sempre com a sua opinião e doutrina os pontos mais intrincados d'esta famosa questão dos direitos dos filhos illegitimos.

Á similhaça d'outros muitos e distinctos filhos da Universidade, como por exemplo os srs. Manuel Maria da Silva Bruschy, Eugenio da Costa e Almeida e Levy Maria Jordão, não quiz o sr. José Virgolino Carneiro deixar os bancos das escholas sem perpetuar com um monumento valioso o seu tirocinio academico.

Felicitamol-o e recommendamos a sua obra, agradecendo ao mesmo tempo o exemplar com que se dignou brindar-nos.

## EXPEDIENTE

Assigna-se para este jornal na loja de livros da Imprensa da Universidade. Toda a correspondencia e pagamento de assignaturas devem ser dirigidos, porte franco, para a direcção d'este jornal, beco das Flores, n.º 20.

### PREÇOS

Coimbra (por tres mezes)..... 240 réis  
Fóra de Coimbra (por seis mezes).... 600 »

Responsavel — A. M. Seabra d'Albuquerque

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

## DOS DEVERES DO HOMEM

Por Silvio Pellico

Para encher algumas horas de ocio forçado, e para de algum modo distrahir desgostos fundos, emprehendi a traducção do pequenino tractado de Silvio Pellico sobre os — *Deveres do homem*. É um livrinho de volume diminuto, mas grande em salutaes conselhos e em sensatas e moralissimas reflexões.

Aquelles dos leitores que tiverem lido as *Minhas prisões*, e poucos haverá que as não tenham lido, conhecem já o estylo do auctor, que não sei se mais deva admirar-se pelo que tem de singelo, se pelo que nelle ha de nobre e digno. Os sentimentos do coração são expressos por Silvio Pellico com tão encantadora linguagem, que seduz e fascina. Sentimentos melhores ao ler um livro d'elle, ficamos tendo mais alta idea da humanidade, ficamos amando mais uns aos outros. É este o seu mais subido elogio, como é este tambem o seu mais elevado merecimento.

Aquelle homem, que tantas razões tinha para descrever dos homens, é o primeiro a exaltar os e a mostrar-os dignos de estima. A sua generosidade e grandeza d'alma tornam para elle em rosas os espinhos do captiveiro. Superior ás paixões da terra, sabe sorrir nos infortunios, e abençoar a mão que o fustiga. É um verdadeiro philosopho, um verdadeiro espirito forte, porque se baseia na integridade da consciencia, e se refugia nos intimos recessos do coração humano.

Ninguem ignora as difficuldades d'uma traducção, e inutil me parece encarecel-as. Alem de que, não disfarço que sei pouco italiano, e confesso até que este meu trabalho não passa d'um estudo.

D'elle irei selectando para aqui o que julgar mais conforme com a indole d'este periodico, pedindo aos entendidos desculpa das imperfeições que notarem.

As — *Minhas prisões* foram primorosamente traduzidas pelo grande e mallogrado talento de Francisco Antonio de Mello. Mas dos — *Deveres do homem* não sei de traducção nenhuma em portuguez, e por isso me abalancei a fazer esta. Não tendo para comparar-se comigo a sombra de nenhum grande vulto, não é tanto de receiar que se note a minha pequenez litteraria.<sup>1</sup>

LUIZ CARLOS.

## I

AMIZADE<sup>2</sup>

Alem dos paes e dos outros parentes, que são os amigos que mais immediatamente te

<sup>1</sup> Quando já estava composto este artigo, e proximo a entrar no prelo, vi uma traducção de que não tinha conhecimento, e que me parece longe de satisfazer ás condições necessarias. Ainda assim, isso me determina a não continuar esta publicação.

<sup>2</sup> As considerações moraes e philosophicas intuitivas —

são dados pela natureza; e alem d'aquelles de teus mestres, a quem, por terem merecido mais a tua estima, das com prazer o nome de amigos: haverás de sentir particular sympathia por outras pessoas, cujas virtudes te serão menos conhecidas, principalmente por manebos de idade egual ou pouco diversa da tua.

Quando cederás tu a esta sympathia, ou quando haverás de reprimil-a? Não é duvidosa a resposta.

A todos os homens somos devedores de benevolencia, mas não devemos elevar a benevolencia ao grau de amizade, senão pelos que tenham qualidades que os tornem dignos de serem estimados de nós. A amizade é uma fraternidade, e na sua mais alta accepção é o bello ideal da fraternidade. É um accordo supremo de duas ou tres almas, e nunca de muitas, as quaes se tornam como necessarias uma á outra, e uma na outra acharam a maxima disposição para se comprehenderem, para se ajudarem, para nobremente se interpretarem, para se estimularem a praticar o bem.

«De todas as sociedades, disse Cicero, nenhuma é mais nobre, nenhuma é mais solida que quando os homens bons são semelhantes em costumes, e ligados pela familiaridade.» *Omnium societatum nulla prestantior est, nulla firmitior, quam quum viri boni moribus similes sunt, familiaritate conjuncti.* (*De Off.*, l. 1, cap. 18).

Não deshonres o sacro nome de amigo, dando-o a um homem de nenhuma ou de pouca virtude.

Quem odeia a religião, quem não tem summo cuidado na sua dignidade de homem, quem não sente que se deve honrar a patria com o saber e a honestidade, quem é filho irreverente e máo irmão, seja elle muito embora o mais admiravel dos homens pela suavidade do aspecto e de suas maneiras, pela eloquencia das palavras e pela multiplicidade de seus conhecimentos, e até por algum impulso brilhante para acções generosas, não te induza isso a travar amizade com elle. Ainda que te mostre o mais vivo affecto, não debes conceder-lhe a tua familiaridade; só o homem virtuoso é que tem as qualidades necessarias para ser amigo.

Antes de conheceres alguém como virtuoso, a só possibilidade de que o não seja, baste a conservar-te para com elle nos limites d'uma cortezia geral. O dom do coração é coisa elevadissima; apressarmo-nos em o lançar fóra de nós, é culpavel imprudencia, é indignidade. Perverte-se quem se liga com máos companheiros, ou, pelo menos, faz reflectir com grande opprobrio sobre si a infamia d'elles.

Mas ditoso quem encontra um digno amigo!

ladas — *Dei doveri degli Uomini*, são por Silvio Pellico dirigidas a um joven de suas relações, e isso explica o modo imperativo com que falla: são contudo susceptíveis de ter uma applicação geral.

Abandonado ás proprias forças, desfallecia-lhe muitas vezes a virtude: o exemplo e o applauso de amigo lh'a redobram. Talvez elle a principio se assustasse, conhecendo-se inclinado a muitos defeitos, e não tendo consciencia do valor que possuia; a estima do homem a quem ama lh'o realça a seus proprios olhos. Envergonha-se ainda secretamente por não ter todos os merecimentos que o amigo lhe suppõe; mas cresce-lhe o animo para se esforçar em corrigir-se. Folga de que as suas boas qualidades não passem despercebidas do seu amigo, e é-lhe grato por isso; ambiciona adquirir outras; e eis que, graças á amizade, caminha algumas vezes vigorosamente para a perfeição, um homem que d'ella estava longe, e longe d'ella teria permanecido.

Não te esforces por ter amigos. É melhor não teres nenhum, que vires a arrepender-te de os teres escolhido com precipitação. Mas quando encontrares algum, honra-o com elevada amizade.

Este nobre affecto foi estatuido por todos os philosophos; e é tambem determinado pela religião.

D'elle achamos bellos exemplos na Escripura: — «A alma de Jonathas se ligou com a de David... Jonathas o amou como á sua alma...» — Mas, o que é mais ainda, a amizade foi consagrada pelo proprio Redemptor! Teve elle sobre o seio a cabeça do discipulo, que dormia, e do alto da cruz, antes de expirar, pronunciou estas divinas palavras, todas amor filial e amizade: — «Mãe, eis ahi o teu filho! Discipulo, eis ahi tua mãe!»

Eu creio que a amizade (entendo a elevada, a verdadeira amizade, a que é fundada sobre uma grande estima) é quasi necessaria ao homem para removello das baixas tendencias. Dá á nossa alma alguma coisa de poetico, de sublimemente forte, sem o que difficilmente se eleva acima do lodoso terreno do egoismo.

Mas quando houveres concebido e prometido amizade, grava no coração os seus deveres. São muitos! são nada menos que tornaes-te toda a vida digno do teu amigo!

Aconselham alguns que se não trave amizade com ninguem, porque occupa muito os affectos, distrae o espirito, e produz ciumes; mas eu estou com um optimo philosopho, S. Francisco de Sales, que na sua Filotea chama isto «um máo conselho.»

Concede elle que possa realmente ser prudencia o impedir nos claustros as affeições parciaes; — «Mas no mundo é necessario, diz elle, que os que querem militar sob a bandeira da virtude, sob a bandeira da cruz, se liguem... Os homens que vivem no seculo, onde são tantos os passos arduos de atravessar para nos unirmos a Deos, são como aquelles viajantes, que, nos caminhos escarpados ou escorregadios, se agarram uns aos outros para

susterem-se, para caminharem com mais segurança.»

E com effeito, se os malvados se dão as mãos para fazerem mal, não deverão os bons dar-se as mãos para praticarem o bem?

## II

## OS ESTUDOS

Podendo-o fazer, corre-te a sagrada obrigação de cultivares a intelligencia. Tornarte-has mais apto para honraes a Deos, a patria, os paes e os amigos.

O delirio de Rousseau, de que o selvagem é o mais feliz dos homens—e que a ignorancia é preferivel ao saber—é desmentido pela experiencia. Todos os viajantes têm achado infelicissimo o selvagem; todos nós vemos que o ignorante pode ser bom, mas que o pode ser egualmente, e o deve ser ainda com mais excellencia, o homem que sabe.

O saber é sómente prejudicial, quando se lhe juncta o orgulho. Que seja acompanhado da humildade, e levará o espirito a amar mais profundamente a Deos, a amar mais profundamente o genero humano.

Tudo o que aprenderes, applica-te a aprendello com a maior profundeza que te for possível. Os estudos superficiaes produzem mui frequentemente homens mediocres e presumidos, conscios em secreto da sua inutilidade, e por isso tanto mais desejosos de se colligarem com vis importunos, seus semelhantes, para proclamarem ao mundo que são grandes, e que os verdadeiros grandes são pequenos. D'ahi as perpetuas guerras dos pedantes contra as altas intelligencias, e dos vãos declamadores contra os bons philosophos. D'ahi o erro em que muitas vezes cahem as multidões, de venerarem quem mais alto grita e menos sabe.

Ao nosso seculo não faltam homens de egregio saber, mas os superficiaes predominam vergonhosamente. Não queiras ser do seu numero. Não o queiras, não por vaidade, mas por sentimento de dever, por amor da patria, por magnanima estima do espirito que Deos te ha dado.

Se não podes tornar-te profundo em muitos generos de estudos, passa ainda assim ligeiramente por alguns, a fim de adquirires d'elles as ideas que não é licito ignorar; mas escolhe um d'esses generos, ao qual applicues com mais vigor as tuas faculdades, principalmente toda a tua vontade, para não ficares inferior a ninguem.

Optimo é, alem d'isso, este conselho de Seneca: — «Queres que a leitura te deixe duradouras impressões? Limita-te a alguns auctores cheios de são ingenho, e alimenta-te da sua substancia. Estar em toda a parte equivale a não estar em nenhum logar especial.

Uma vida passada em viagens faz conhecer muitos hospedes e poucos amigos. Assim é dos leitores imprudentes, que, sem predilecção por nenhum livro, devoram infinitos.»

Qualquer que seja o estudo a que principalmente te affeições, guarda-te d'um vicio assás commum: o de tornares-te por tal modo exclusivo admirador da tua sciencia, que desdenhes d'aquellas a que não has podido applicar-te.

As triviaes bravatas de certos poetas contra a prosa, de certos prosadores contra a poesia, dos naturalistas contra os metaphysicos, dos mathematicos contra os não mathematicos, e vice versa, são puerilidades. Todas as sciencias, todas as artes, todos os modos de achar e fazer sentir a verdade e o bello, têm direito á homenagem da sociedade, e principalmente do homem culto.

Não é verdade que as sciencias exactas e a poesia se excluam. Buffon foi grande naturalista, e o seu estylo esplende animado por estupendo calor poetico. Mascheroni era bom poeta e bom mathematico.

Cultivando a poesia e as outras sciencias do bello, attende a que não tires á tua intelligencia a capacidade de deter-se friamente sobre calculos ou sobre meditações logicas. Se a aguia dissesse: «A minha natureza é de voar, e não posso contemplar as coisas senão voando», seria ridicula. Pode muito bem contemplar grandes coisas com as azas por abrir.

Assim em face da frieza que de ti exigem os estudos de observação, não te habitues a crer que é perfeito o homem, quando ha amortecido em si todos os esplendores da phantasia, quando ha morto o sentimento poetico. Este sentimento, se é bem regulado, em vez de enfraquecer a razão, em certos casos lhe dá força.

Nos estudos, bem como em politica, desconfia das facções e de seus systemas. Examina estes para conhecê-los, comparal-os com outros e julgal-os, e não para seres seu escravo. Que significação tiveram os debates entre os violentissimos panegyristas e detractores de Aristoteles e de Platão, e de outros philosophos? ou os que se deram entre os panegyristas e detractores de Ariosto e de Tasso? Os idolatrados e vilipendiados mestres permaneceram o que eram: nem divindades, nem espiritos mediocres; e os que se agitavam por pesal-os em falsas balanças, foram mettidos a ridiculo, e o mundo, que ensurdecera, nada aprendeu.

Em todos os estudos que faças, procura unir discernimento placido e agudeza de espirito, a paciencia das analyses e a força das syntheses, mas principalmente a firme vontade de não te deixares abater pelos obstaculos, e a de não te fazeres orgulhoso com os triumphos; isto é, a vontade de te esclareceres do modo permittido por Deos, com ardor, mas sem arrogancia.

## ONOFRE

## CANTO ULTIMO

## I

Eis-me chegado ao transe lastimoso,  
Ao quadro mais sombrio d'este conto!  
A leitora, num pranto copioso,  
Mal chegará ao derradeiro ponto!  
Entanto ao Heliconio harmonioso  
Sobre o aligero Pégaso remonto,  
Para de novo dar vigor ao éstro,  
E modular a voz canóro e destro.

## II

Batera num distante campanario  
Ha muito meia noite, hora fatal,  
Em que o vampiro, envolto no sudario,  
Deixa funesto o leito sepulchral,  
Quando á esquina do beco solitario  
Assomou, como em drama theatral,  
Um vulto assustador, que do negrume  
Despedia clarões, qual vagalume.

## III

Era Onofre, eil-o-ahi! como na tela  
Pintar o bardo na armadura antiga  
Com que, espantados, o rival e a bella  
Surgir o viram, preparado á briga!  
Um capacete velho; uma rodella,  
Que o braço mal segura; uma loriga;  
Escarcellas nas coxas; joelheiras;  
Umhas grevas ou ferreas caneleiras;

## IV

Na dextra, que a manopla escameada  
Recobre, avelando-se ao braçal,  
Uma vetusta e carcomida espada,  
Só no tamanho á de Rolando igual;  
Acha d'armas ás costas pendurada,  
E no sovaco um luzidor punhal,  
O aspecto lhe davam picaresco  
De D. Quixote, o campeador grutesco.

## V

Inda em frouxos de riso, que a figura  
De Onofre lhe causára, o prelio inceta  
Arthur, que desde logo só procura  
Rir-se á custa do estolido pateta.  
Esperava, na treva densa e escura,  
Quando o vate rompeu em linha recta,  
Evital-o, e impellido-o em furia á terra,  
Dar allí fim com pontapés á guerra.

## VI

Mas a sorte cruel tinha ordenado  
Que da scena fosse outro o seguimento;

No instante em que Arthur, fugindo ao lado,  
Dava principio ao resolyido intento,  
Onofre, que de braço retezado  
Tinha a espada estendida, pouco attento,  
Tropeça e ao cahir o peito vara  
Ao misero, que perde a vida cara.

## VII

Aos gritos anciados da mesquinha,  
Da miseranda amante espavorida,  
Corre em tropel da guarnição vizinha  
A tropa, sempre tarde prevenida.  
Alli, armas em punho e toda em linha,  
Lança mãos ao terrivel homicida,  
Que a acompanha em lethargica modorra  
Aos antros d'uma lóbrega masmorra.

## VIII

Na tua dor, Amalia, ai! poucos dias  
Sobreviveste áquelle que adoravas!  
Os labios com que alegre lhe sorrias;  
Os olhos com que os olhos lhe inflamavas;  
Os cabellos de seda, em que prendias  
As rosas, que depois no adeos lhe davas,  
Em breve os recobriu a terra dura,  
Lyrio esfolhado em turva noite escura!

## IX

O vôo ergueste á região superna,  
Niobe em prantos nas desertas praias!  
Nos braços do consorte a paz eterna  
Gozas ditosa num jardim sem raias.  
Tu, alma pura, á geração moderna,  
Que adora a infamia e a sordidez nas saias,  
Talvez sirvas de riso, não de exemplo,  
Tão grande é o vicio que em redor contemplo!

## X

Na accusação do crime truculento  
Pôde fugir Onofre ao cadafalso,  
Graças á idea e fino entendimento  
D'um orador, faminto do precalço:  
Por mentecapto ao jury somnolento,  
E era verdade o que julgava falso,  
O fez passar numa oração profunda,  
Que o vate lhe escrevera em lingua bunda.

## XI

Num hospital de doidos clausurado  
Os dias foi passando da existencia,  
Tendo sido por fim alevantado  
Rei supremo das gentes em demencia.  
Já velho, cheio d'honras, laureado,  
Vencido por malefica excrecencia,  
O animo lançou, em crenças pias,  
No seio eterno do ancião dos dias.

## XII

Tal foi de Onofre o memoravel drama,  
Que em frouxos versos estampeei na tela;  
A heroe tão grande, nome eterno e fama  
Dera um cantor de voz sonora e bella.  
Se eu porem conseguir da minha dama,  
Como paga, um sorriso, um olhar d'ella,  
Contente ficarei da minha historia,  
Sem ter outros desejos, outra gloria.

Coimbra

JOÃO PENHA.

## A LINGUA PORTUGUEZA

Amor da patria sopra em mim despeitos  
De a ver por filhos seus pouco abonada.

FRANCISCO MANUEL, *Arte Poetica*.

Aspera e mal soante devera de ser em principio a lingua lusa, como herdeira da primitiva rudeza dos idiomas hispanos, e das barbaras linguagens dos invasores do norte, embora combinadas com o grego e latim; que ainda, em eras tão remotas, lhe não haviam estudo e tempo linado e pulido asperezas, e apenas os trovadores podiam dedicar-lhe os curtos intervallos de sua vida cavalleiresca, para descantarem, na mal-afinada lyra, suas magoas e alegrias.

Tornava-se necessario um grande impulso, e esse de reis portuguezes saiu. Deu-lh'o aquelle

*Grande Diniz, rei nunca assás louvado*

no dizer do nosso bom Ferreira; pois que

*Outros foram numa só coisa excellentes,  
Este com todas ennobreceu o Estado.  
Regeu, edificou, lavrou, venceu,  
Honrou as Musas, poetou e leu.*

Mas como não ficasse ainda fôrta a nossa lingua do estranho dominio, que lhe ia empecendo o desenvolver-se, acudiu D. João I a libertal-a, ordenando que em todos os actos publicos a substituissem á latina.

Foi-se desde então successivamente melhorando e aperfeiçoando até ascender á altura, em que a poz o cultivo das linguas grega e latina, o que a D. João III se deve.

E aqui se ha de marcar a epocha da maior florescencia, a idade de ouro da lingua, desde o começo do XVI até o do XVII seculo, — epocha feliz, cujos encomios ficam traçados com saber-se que nella existiu Camões, o nosso maior poeta, o homem que nos elevou tão alto, e de quem tudo o que se disser é inferior ao seu grande nome.

Depois por todo o XVII seculo e meiado do XVIII foi declinando o subido preço da lingua patria, já na requintada affectação dos gongorismos, já porque, perdida a independencia nacional pela usurpação castelhana, a maxima

parte de nossos escriptores, por torpe servilismo e baixa adulação aos tyrannos, adoptaram, para escrever, a lingua d'elles. Verdade é que já muito antes havia começado o uso de escrever em hespanhol, contra o qual se alevantara o nosso Ferreira, o que levou Diogo Bernardes a dizer d'elle, que *dando á patria tantos versos raros, um só nunca lhe deu em lingua alheia*; e Filinto a chamar-lhe

Bom Ferreira, da nossa lingua amigo;

porem agora o mal tornara-se epidemico, e grassava ainda depois de tão gloriosamente recobrada a nacionalidade portugueza.

Entretanto começaram a estudar-se as linguas, cujo conhecimento até mesmo as necessidades do commercio exigiam; fraternizaram as nações, e d'ahi ao fim do XVIII seculo teve logar a feliz restauração das letras patrias.

Eis-nos porem chegado á epocha da segunda decadencia da lingua.

Neste ponto é forçoso que mais nos detenhámos por ser a causa, não só existente ainda, mas por ventura mais em voga na actualidade. Fallamos dos *gallicismos*, d'essa praga, com que a lingua vai gafa e corrupta, mórmente em milhares de miseraveis traducções, que por ali correm; da mania de fallar e escrever o portuguez á franceza, transformando-o na algaravia mestiça e de furta-côres, a que se deu o nome de *gallici-parla* ou *gallo-mania*, zurzida por todos os escriptores de melhor nota com o latego do ridiculo'. Lidado

<sup>1</sup> D'esta audacia, Senhor, d'este descôco,  
Que entre nós sem limite vai lavrando,  
Quem mais sente as terriveis consequencias  
É a nossa portuguez casta linguagem,  
Que em tantas traducções anda envasada,  
(Traducções, que merecem ser queimadas!)  
Em mil termos e phrases gallicanas!  
Ah! se as marmoreas campas levantando,  
Saissem dos sepulchros, onde jazem  
.....  
Lusitanos varões, que com a penna  
..... a patria ornaram;  
Os novos idiotismos escutando,  
A mesclada dicção, bastardos termos,  
.....  
Segunda vez de pejo morreriam.

DIXIZ, *Hyssope*.

«E para que diga tudo só um mal tem (a lingua), e é que pelo pouco que lhe querem seus naturaes a trazem mais remendada que capa de pedinte.

F. R. Lobo, *Corte na Aldeia*.

Francisco Manuel foi incansavel em perseguir a gallo-mania; é enorme a quantidade de exemplos que poderíamos apresentar:

Irritado da dor de ver zombada  
Por insulsos pechotes  
A lingua de Camões.....  
etc. etc.

ODE.

E noutra parte

Nunca nariz francez em lusa cara,

empenho! O mal tornou-se moda, e a nossa formosissima linguagem, tão rica a ponto de não haver<sup>2</sup> «genero de composição, para o qual ou por doce de mais, como o toscano, não seja propria; ou por mui aspera e guindada, como o castelhano, se não adapte; por curta, como o francez, não chegue; por inflexivel e rispida, como o allemão e inglez, se não amolde,» os gallicismos a adulteraram; pozeram-na em menospreço, destruindo-lhe a harmonia, a doçura e a elegancia.

Indoles diversas têm as linguas, e a nossa, filha primogenita da latina, só d'ella pode receber, sem affronta, o que d'outra não soffrera, sem córar; que a dadiva só de mão amiga é bem acceita, em quem é natural orgulho, pois em esmola a vemos convertida, se de estranhos nos vem.

É preciso saber o francez, não negamos; antes quizeramos sabel-o perfeitamente: mas, porque um sabio tem conhecimento de muitas sciencias, ha de junctal-as todas, fallando em uma?

Porque um artista sabe mais d'uma arte, ha de practical-as simultaneamente?

Estude-se o francez, mas não se despreze o portuguez, e sobretudo não se afranceze.

Se ha necessidade, e ha de facto, de ler os livros francezes, terminada a leitura, é mister<sup>3</sup>

Desempear-se da estrangeira phrase,  
C'o espanador de Barros ou Vieira.

Vale muito saber a sciencia, mas o realce, que o conhecimento da lingua lhe dá, só pode ignoral-o quem nunca ouviu fallar em publico, ou não foi alguma vez obrigado a fazel-o.

Que vergonha não seria, para um orador, discorrer sobre qualquer assumpto, em uma lingua mascavada, travando á ervilhaca do gallicismo?

Ouvi um discurso; se a phrase é nobre e verdadeiramente portugueza, prenda-vos a attenção, e na torrente da facundia a idea irvos-á manando do intimo d'alma. De contrario ou fugis, ou, se a obrigação vos retém, o tedio apodera-se de vós, e não attentareis na doutrina, que todavia poderá ser boa.

Mui difficil é, na verdade, o estudo da lin-

Que é filha da latina, e só latinas  
Feições lhe quadram.....

.....  
Não fique uma só nodoa em nosso idioma  
D'esse lodo, que o enxovalhou tégora.

ARTE POETICA.

Garrett, estigmatizando o procedimento dos auctores que por adulação escreveram em castelhano no tempo dos Philippes, disse:

«Vergonha que só tèmpara as derradeiras vergonhas com que nos enxovalharam a lingua e a fama, os tarellos francelhos gallici-parlas e toda a caterva dos gallo-manos!»

<sup>2</sup> Garrett.

<sup>3</sup> Francisco Manuel, *Arte Poetica*.

gua lusa, e por isso se adoptou a frandulagem do fallar e escrever dos francelhos; mas por bem pagos se dão do seu trabalho, com possuil-a, os que alcançaram a mestria em nossa falla. A incontestavel vantagem que d'ahi resulta compensa bem todas as fadigas.

Não somos auctorizado para fallar em tal materia, pois que erros commettemos dos que aos outros imputamos; não é porem desejo e gosto, esses censuramos: arrastado na torrente, que invadiu todo o territorio das letras, e até já grassa de ha muito no vulgo, quanto trabalho não é mister para evitar phrases, a que o ouvido é costumado, e estão em nós arrei-gadas?

Porem os erros, trabalho e tempo os vencerão; esforcemo-nos nisso todos.

M. DA COSTA ALEMÃO.

### ADEOS A COIMBRA

Recitado pela actriz C. Velloso  
no Theatro Academico

Trago as pallidas flores da saudade  
Para vos dar no meu sentido adeos;  
Trago as rosas da minha mocidade,  
Que eu ainda achei neste jardim dos céos.

Aqui passei comvosco o-mais suave  
Tempo da minha vida, vida errante,  
Como a que embala a peregrina ave  
Soltando as azas p'ra um paiz distante.

Ave da primavera tem seu ninho  
Sob este céu azul sempre formoso;  
Dão-lhe as auras da tarde amor, carinho,  
E a voz da noite um cantico saudoso.

Ha por esses vergeis tanta harmonia  
No sussuro das aguas gemedoras!  
Tanto enlevo de candida poesia,  
E os sonhos e as visões consoladoras!

Ai! quem não sente o «gosto amargo» e triste,  
O «delicioso pungir» do coração,  
Deixando tudo em que a ventura existe,  
Todos os sonhos de intima affeição!

Acorda a gente, e vê-se em praia estranha,  
Como o naufrago ao clarão da tempestade;  
«Soro de estanques lagrimas» nos banha  
«Os seios d'alma» a dôr da saudade!

Horas placidas, gozos, alegrias,  
Nuvens da gloria, luz do céu radiosa,  
Bençãos d'amigos, doces harmonias  
Na voz da mocidade generosa;

E sentir o calor das nobres almas,  
Que me aquecia o ar do meu futuro,  
E ver no meu regaço as floreas palmas,  
De tanto amor o entusiasmo puro;

E deixar tudo isto! O céu nublado,  
Que me esconde esses raios da esperança,  
Longe d'aquí, ao peito attribulado  
Talvez não traga uma hora de bonança.

Mas, antes que se feche o paraiso,  
Quero cortar a derradeira flor,  
E num lampejo de fugaz sorriso  
Animal-a com lagrimas d'amor.

É a pallida rosa que no seio  
Da mulher dá perfume ao coração;  
É de todas as almas puro enleio,  
É a saudosa e eterna gratidão.

F. GUIMARÃES FONSECA.

### ESTUDOS HERALDICOS

A AGUIA

I

A rainha das aves, a princeza coroada dos ventos, é por certo a aguia; e foi classificada pelos antigos como rainha, porque nenhuma outra ave a eguala em nobreza e generosidade.

Forte, ligeira, vista aguda, a aguia não se espanta com os raios do sol, fita-o soberba, e, segundo Plinio, leva tão longe o seu rapido vôo, que sobe até onde não chega o imperio das nuvens.

Entre a gentildade foi reputada como precursora de grandes felicidades. Jupiter na batalha que sustentou contra os gigantes, filhos de Titan, teve uma aguia que lhe annunciou que sahiria vencedor. Xenofonte, na celebre victoria alcançada contra os de Bithynia e el-rei Cyro, diz que uma aguia lhe deu esta victoria.

A Gordio, o pobre carreteiro, a aguia que um dia todo descançou sobre o seu carro o fez sentar no throno da Phrygia, assim como a seu filho Midas, que em reconhecimento ofertou a Jupiter o carro de seu pae.

A familia dos Heraclidas, assim chamada por descenderem de Hercules, acabou; os Argivos correram a consultar o oraculo pela falta de rei; baixa uma aguia sobre a casa de Egon; e este, segundo o mesmo oraculo, é chamado a tomar assento no throno da Phrygia.

No calor do combate, uma aguia desce sobre Hieron, que de simples soldado de fortuna foi eleito rei dos Siculos.

Duas foram as aguias que, pousadas sobre o palacio de Philippe, assistiram ao nascimento de seu filho Alexandre, mostrando que um dia seria coroado com dois imperios, Europa e Asia. Mais tarde, na batalha que este principe teve com os Darianos, a victoria das suas armas foi-lhe annunciada pela aguia. O mesmo successo obtiveram Fabio Valente e Vitellio, quando caminhavam á frente dos seus exercitos contra Othon.

Pyrrho, filho de Achilles e de Deimadia, rei do Epiro, não satisfeito em domesticar uma aguia, a quem tinha muito amor, fazia consistir a sua maior gloria em que lhe chamassem *aguia*. D'este rei escrevem os historiadores que depois de haver conseguido uma grande victoria, o seu numeroso exercito o victoriava dizendo, *viva a aguia dos reis*: — *aguia sou*, respondeu o rei, *porem as vossas armas foram as azas com que voei ao combate, e alcancei o meu triumpho*.

Todavia a crueldade de que era dotado offuscou-lhe os triumphos; e Orestes, tirando-lhe a vida no proprio templo, riscou da face da terra mais um tyranno.

Foi ainda uma aguia que afastou do caminho que ia trilhar o rei Deyotero, onde por certo perderia a vida, se fosse mais ávante.

É Plutarcho quem nos diz que a infeliz Helena, em Lacedemonia, não foi sacrificada, porque uma aguia, abatendo seu vôo, arrebatou o cutello da mão do sacrificador, mostrando ao oraculo que o sacrificio das donzellas não era acceto perante os deoses.

Finalmente, feliz era aquelle a quem a natureza dotara de nariz aquilino; porque, como a Cyro, os povos lhe tributavam toda a veneração e respeito, pois julgavam que a sua descendencia lhes vinha de tronco real, e porisso pertenciam á classe da nobreza.

Mas não foi só a gentildade; entre os catholicos os livros sanctos apresentam em suas paginas factos que de sobejo provam que, sobre todas as aves, é a aguia a que impera como rainha. A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE.

## REMORSO

E parti, e deixei-te moribunda,  
Sem que a saudade me ralasse o peito;  
Mas estremeço agora ao ver que dormes  
Somno de morte num funereo leito!

Mas sinto agora o espinho do remorso,  
Sinto as angustias d'um soffrer violento!  
Luctuosas imagens de tristeza  
Povoam meu inquieto pensamento!

Pergunto agora ao coração, que geme,  
Se elle te amava com amor bem fundo;  
Mas em vão interrogo.... e, para ver-te,  
Em vão dilato os olhos pelo mundo.

Tu não existes já. Tu, inda ha pouco  
Tão bella e meiga, no florir da vida,  
Hoje sei que descreste da ventura,  
Sei que repousas na final jazida!

Meu doce encanto d'um momento apenas,  
Meu grato sonho com prazer sonhado,  
Porque tão cedo ás solidões da terra  
Me deixaste sem pena abandonado?

Que fiz para perder-te? Acaso ainda  
Não exaurira o calix da amargura?  
Não errara sem norte, e em desalento,  
Como quem vaga numa noite escura?

Quando alfim encontrara no teu seio  
O terno abrigo, a luz que me faltava,  
Que fiz para perder-te? E assim de novo  
Porque é minha alma do soffrer escrava?

É que eu não soube apreciar-te o aroma,  
Candida rosa, emmurhecida em breve;  
Por isso as azas desprendeste, ó anjo,  
Tuas azas tão puras como a neve!

É que meu coração ingrato e duro  
Não soube amar-te com amor bem fundo;  
Por isso me fugiste.... e, para ver-te,  
Dilato em vão meus olhos pelo mundo!

Coimbra—1867.

LUIS CARLOS.

## EFEITOS DO GRANDE TERREMOTO DO 1.º DE NOVEMBRO DE 1755 NA CIDADE DE COIMBRA

Novos apontamentos

Á narração dos effeitos do calamitoso terremoto de 1755 em Coimbra, inserta em o numero 7 d'este jornal, vamos additar mais alguns esclarecimentos que possuímos, pois julgamos de interesse a publicação de todos os pormenores, que se possam alcançar d'essa terrivel e pavorosa catastrophe. São copia de uma noticia com que deparámos em um livro de obitos da egreja de Sancta Justa, cujos primeiros assentos datam do anno de 1723.

A. M. S. DE C.

«No anno de 1755, em o 1.º de novembro, pelas nove para as dez horas da manhã, estando no choro a rezar-se prima, succedeu um terremoto nunca visto neste reino, em que as casas todas tremeram e se abalaram, os conventos e as egrejas todas ameaçavam ruina, e se viam mover dos que estavam pelos caminhos, moveu-se o edificio da sancta sé, fugia a gente para fóra d'elles pelo perigo que ameaçavam: muitos sacerdotes que estavam a dizer missa se retiravam assim revestidos como estavam pela porta fóra, todos pasmados não sabiam que fizessem, na praça era grande o alarido e vozes da gente que fugia das casas, e sahiu da egreja do hospital um sacerdote a exhortal-a á contricção e a absolven. Cahi a bola da pyramide do collegio novo, que fez grande perda e estrondo; cahi parte da abobada da egreja de S. Domingos. Esta de Santa Justa toda se movia, as vidraças do frontespicio faziam tal estrondo, que parece vinham calhaos sobre ellas para as quebrar. Todas as mais egrejas dos conventos fizeram grande sentimento, e se abriram as abobadas.

Os religiosos se foram dormir ou pernoitar ás suas cercas. E como os terremotos se continuaram por mais de oito dias ainda que não tão grandes, cuidavam todos em fazer suas barracas onde dormiam.

«Mas passados dois dias e meio começaram a vir gallegos e trabalhadores que andavam a ganhar por Lisboa e a contarem os estragos fatalissimos que padeceu a corte, de sorte que moviam as lagrimas; e vieram crescendo lamentaveis noticias, com as das mais povoações do reino, especialmente d'aqui para Lisboa.

«Andavam todos como espavoridos e pasmados, sem vontade de comer, e cada um a cuidar só na sua salvação. E logo no mesmo sabbado sahi a Senhora do Rosario em procissão com seus religiosos e irmãos e povo, e no domingo sahi outra muito numerosa dos Martyres Sanctos com innumeraveis penitencias.

«Na segunda feira (tres) vieram os religiosos capuchos da Pedreira em procissão a Sancta Cruz, aonde estava o Sanctissimo na custodia á porta do sacrario aberta, e ali tomaram uma grande disciplina com o seu *miserere* á capucha com grande edificação de toda a gente que encheu a igreja, e como se viram com as luzes apagadas sem saber porque se apagavam, se moveram todos a lagrimas e a contricção com taes clamores, que parecia cahir o templo. Na quarta feira se fez outra procissão pela ordem terceira muito numerosa, tudo descalço, com cordas e outras penitencias. Na quinta feira fizeram outra os religiosos da Graça com a irmandade dos Passos, e assim se foram continuando procissões e publicas penitencias, de modo que passaram de vinte e cinco. A universidade com seu reitor reformador D. Francisco da Annuniação, geral de Santa Cruz, a fez por duas vezes muito numerosa e todos os lentos e doutores descalços. O reverendissimo cabido sahi tres vezes do mesmo modo, e ultimamente s. ex.<sup>a</sup> recolhendo-se da visita em que então andava fez e ordenou outra, e em todas as da sancta sé hiam as collegiadas, e nesta ultima levou s. ex.<sup>a</sup> quarenta innocentes que mandou vestir de branco, roxo e vermelho das insignias do Rosario, e no fim de todas tambem se uniram os priores das collegiadas com os seus padres de cada uma, e ordenaram ser esta sómente de meninos de idade de sete, seis e oito annos, e se junctaram cento e sessenta, todos descalços e nus da cinta para cima e coroas de espinhos, e esta compungia muito, porque os meninos hiam clamando — Senhor Deos, misericordia — a choros e os sacerdotes; detrás d'elles iam quatro musicos com boa consonancia devotissima da paixão que diziam — Senhor Deos pela innocencia d'estes, tende misericordia de nós — e todos os mais repetiam o mesmo, e sahiu da collegiada de S. Pedro e veio visitando todas as igreja a fin-

dar em esta de Sancta Justa, aonde houve sermão de missão muito edificativo.

«Em todos os dois mezes de novembro e dezembro tiveram os religiosos de Sancta Cruz o Sanctissimo exposto na custodia á porta do sacrario com trinta lumes, e só o cerravam ao tempo de missa cantada: e assim estavam de dia e de noite com as portas da igreja abertas e muita gente nella pernoitava, e foi acção de muita edificação e despesa de cera. O reverendo padre geral, reitor reformador da universidade, não se deitou em cama quarenta dias, assistindo de noite debaixo da tribuna, e muitos religiosos faziam o mesmo com o seu exemplo.

«Houve innumeraveis confissões geraes, muitas restituções, eu só reparti 30,500 réis, andavam os terços do Rosario de noite pelas ruas e tudo continuou até meado de fevereiro.»

## BIBLIOGRAPHIA

### PASATIEMPOS LITTERARIOS

DE

D. Enrique del Castillo y Alba

De Madrid foi remettido pelo seu auctor um exemplar d'esta obra ao sr. Antonio Maria Seabra de Albuquerque, responsavel do nosso jornal e um dos seus bons collaboradores.

O sr. D. Enrique del Castillo y Alba, distincto litterato do reino vizinho, como revelam os seus «Pasatiempos», penhorou muito o sr. Seabra com o seu offerecimento. Foi uma prova de consideração bem merecida a quem, como o nosso amigo, o sr. Seabra, reúne aos dotes de extremoso pae de familia e honrado cidadão estudo improbo e indefesso das gloriosas tradições da nossa velha armaria.

Felicitemos o poeta hespanhol pelo seu livro. Quem apresenta os seus passatempos, isto é, as suas horas de ocio, tão bem aproveitados bem merece da sua litteratura.

## EXPEDIENTE

Assigna-se para este jornal na loja de livros da Imprensa da Universidade. Toda a correspondencia e pagamento de assignaturas devem ser dirigidos, porte franco, para a direcção d'este jornal, beco das Flores, n.º 20.

PREÇOS

Coimbra (por tres mezes)..... 240 réis  
Fóra de Coimbra (por seis mezes).... 600 »

Responsavel — A. M. Seabra d'Albuquerque

IMPRESA DA UNIVERSIDADE